



Evoluir é aprender a amar

Por Rejane Planer

Central ao pensamento Espírita está a Lei da Evolução do Ser,¹ que nos possibilita hoje sermos melhores do que fomos ontem e, amanhã, melhores do que somos hoje. É a Lei da Infinita Bondade Divina que, juntamente com a Lei de Causa e Efeito e a reencarnação, dá-nos a chance de recuperar experiências malfadadas ou desacertos oriundos da ignorância da Lei do Amor, até atingirmos a plenitude ou felicidade suprema.

O Espírito que habita o corpo humano e vive na Terra levou milhões de anos para evoluir desde as primeiras manifestações da vida até o nível evolutivo atual. Submetido ao processo automático da evolução do ser, foi continuamente se adaptando, desenvolvendo aparatos apropriados para a sobrevivência até chegar à forma humana e, então, desenvolver o raciocínio e o sentimento, que o capacitam a conquistas ainda maiores.

Em janeiro de 2017, o paleontologista Stephen Brusatte,² resumindo suas pesquisas sobre a evolução dos dinossauros até os pássaros atuais, concluiu que “não existe uma distinção clara entre os não pássaros e os pássaros”, mas uma lenta e gradual jornada de adaptações.

Afirma também que o estudo da evolução das diferentes espécies mostra que a evolução é marcada pelas pressões do meio ambiente e pela sobrevivência, que não existem grandes transições evolutivas, tampouco uma linha final – a evolução continua progressivamente. O Espiritismo também ensina que a evolução é progressiva e contínua, lenta e gradual.³

Segundo a mentora espiritual Joanna de Ângelis, desde os primórdios até o início do processo de Humanidade, o ser espiritual acumula um conjunto abissal de experiências e aprendizados vividos ora no plano terrestre e ora no Mundo espiritual, que lhe vai “*definindo os rumos necessários à sua verticalização do corpo e sua ascensão de natureza moral*”.⁴ Como o Espírito modela o corpo através do perispírito, de acordo com as suas necessidades evolutivas, suas conquistas e experiências ampliam-lhe a possibilidade de construir órgãos e funções indispensáveis à fase evolutiva em que se encontra.

Daniel Golleman⁵ afirma que o cérebro humano desenvolveu-se “de baixo para cima, os centros inferiores desenvolvendo-se como elaborações das partes inferiores mais an-

tigas”. As experiências iniciais desenvolveram o Complexo R (cérebro reptiliano), responsável pelos processos automáticos do corpo que asseguram a sobrevivência. Surgem, nos mamíferos, novas camadas em torno do Complexo R, formando o cérebro límbico (neomamífero), sede da memória e das emoções, ampliando-lhe a capacidade, auxiliando a sobrevivência do mais apto e possibilitando o desenvolvimento de outras aptidões. O neocórtex é a terceira camada a formar-se; fundamental como precursor da fala e do pensamento, possibilita a formação de uma linguagem simbólica. O cérebro pré-frontal (córtex pré-frontal), a quarta e mais recente camada cerebral, é considerado a sede da personalidade e da vida intelectual, é o cérebro humano, pois possibilita a capacidade de pensar, discernir e agir.

Esta lenta evolução do ser⁶ deixa um legado de experiências e emoções, que influenciam o comportamento e, por vezes, predominam no comportamento do ser humano. A mente reflexiva reage automaticamente a certos padrões de comportamento, de modo que quando se percebe, ou seja, quando o sinal de alerta chega à percepção consciente, milhares de respostas neurais foram ativadas e acionadas automaticamente no cérebro e no corpo. Ao racionalizar, muitas vezes tardiamente, só resta pedir desculpas pelo ato impensado. Segundo o Dr. Joseph Childe Pearce,⁷ a razão acaba ficando à mercê das emoções ou do cérebro inferior, responsável pela sobrevivência. Em outras palavras, os instintos primários tornaram-se conflitos e desafios a vencer.

O instinto de sobrevivência, gerador do ego, o irmão do egoísmo, vai agora se manifestar através do desejo de poder, prazer e satisfação direcionado às próprias necessidades e interesses pessoais, em detrimento do próximo e da sociedade. O ego é responsável por inúmeros conflitos pessoais e sociais. Joseph Pearce considera que somente a harmonia entre a razão e o coração permitirão ao ser humano libertar-se do jugo ancestral do ego e do medo, e afirma que o grande moto da evolução é o amor.

O grande desafio do ser é a libertação dos instintos através do autoconhecimento aliado à disciplina ético-moral, conforme o Evangelho de Jesus – a Lei de Amor.

Viver o bem – “em tudo aquilo que corresponde às Leis de Deus, desde o pensamento mais simples de amor e ternura até os gestos grandiosos de sacrifícios em favor do próximo”⁸ – é o destino do ser, a felicidade, enfim. ■

Referências:

1. Apesar de ser um dos alicerces da Doutrina Espírita, na época de Kardec, a Teoria evolucionista não era conhecida. Foi publicada por Charles Darwin em 1859, dois anos após a publicação de *O Livro dos Espíritos* (1857).
2. BRUSATTE, Stephen. **Evolution taking Wing**. Scientific American, janeiro de 2017, pp. 42-49.
3. Ver **O Livro dos Espíritos**, questão 194, FEB, 25.ª edição.
4. FRANCO, Divaldo; ÂNGELIS, Joanna de [Espírito]. **Encontro com a paz e a saúde**. Salvador, 4ª ed., LEAL, 2014, cap. 1, pp. 13-14.
5. GOLLEMAN, Daniel. **Emotional Intelligence**. 1.ª edição, Bantam Books, 1995.
6. A evolução da espécie humana ocorre há pelo menos 3 milhões de anos na Terra, enquanto as outras espécies, com algumas exceções, evoluíram ao longo dos últimos 66 milhões de anos, depois da grande extinção em massa.
7. PEARCE, Joseph Chilton. **The Death of Religion and the Rebirth of the Spirit: a return to the Intelligence of the Heart**. Park Street Press-Inner Traditions, Vermont, 2007.
8. FRANCO, Divaldo; ÂNGELIS, Joanna de [Espírito]. **Libertação do sofrimento**. Salvador, 1.ª ed., LEAL, 2008, cap. 19, p. 124.